

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA  
CAMPUS SÃO BERNARDO  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

**NAIANE GUIMARÃES DO NASCIMENTO SANTOS**

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE SÃO  
BERNARDO - MARANHÃO**

São Bernardo - MA

2018

**NAIANE GUIMARÃES DO NASCIMENTO SANTOS**

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE SÃO  
BERNARDO - MARANHÃO**

Monografia apresentado a Universidade Federal do Maranhão-UFMA, Campus São Bernardo, para obtenção do grau de licenciada em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

São Bernardo - MA

2018

GUIMARÃES, do Nascimento Santos, Naiane.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER NO MUNICÍPIO DE  
SÃO BERNARDO - MARANHÃO - 2018.

52 p.

Orientador: Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -

Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo- MA, 2018.

1. Dominação. 2. Mulheres. 3. Sociedade. 4. Violência. I. Cordeiro de  
Matos Júnior, Clodomir. II.

GUIMARÃES DO NASCIMENTO SANTOS, NAIANE. III. Título.

**NAIANE GUIMARÃES DO NASCIMENTO SANTOS**

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER NO MUNICÍPIO DE SÃO  
BERNARDO - MARANHÃO**

Monografia apresentado a Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Campus São Bernardo, para obtenção do grau de licenciada em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior  
Orientador

---

Prof. Ms. João Pedro de Santiago Neto  
1º Examinador

---

Prof. Esp. Augusto César Tavares  
2º Examinador

São Bernardo- MA  
2018

*Dedico este trabalho a todas as mulheres guerreiras, em especial minha mãe Eliete Guimarães do Nascimento Santos, que lutou por treze anos para se libertar da violência doméstica. Obrigado família!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para superar as dificuldades nos momentos difíceis, sem ele eu não teria forças! Agradeço a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de São Bernardo, pelo ambiente criativo e amigável e pelas oportunidades vivenciadas ao longo de todo o curso. Agradeço o corpo docente, a direção, a coordenação, os administradores e os amigos que levo para minha vida.

Agradeço ao meu orientador Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior pela orientação, apoio e confiança! Agradeço também os demais professores do curso de Ciências Humanas que nessa trajetória contribuíram não apenas para minha formação científica, mas também para minha vida profissional e afetiva.

Agradeço aos amigos Bianca de Souza, Valdimeires Silva e Leandro! Obrigado pelo companheirismo!

Deixo meu agradecimento especial a Delegacia da Polícia Civil de São Bernardo – MA e ao Conselho Tutelar local que contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento da pesquisa. Por último, agradeço aos professores João Pedro e Augusto César pela leitura e considerações acerca do trabalho.

*A educação é a arma mais poderosa que você pode  
usar para mudar o mundo.*

Nelson Mandela (2003).

## **RESUMO**

O presente trabalho trata da violência doméstica contra mulheres no município de São Bernardo -MA. O mesmo tem como objetivo analisar a violência doméstica no município de São Bernardo- MA, no ano de 2016. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo de cunho qualitativa. E como coleta de dados utilizou-se os questionários semiestruturados com dez perguntas. Sendo que os sujeitos da pesquisa tiveram como público alvo (04) mulheres, residentes no município de São Bernardo, as mesmas tiveram seus nomes fictícios, por motivo de normas éticas. A escolha dessas (04) mulheres se deu devido a conhecimentos através de relatos que as mesmas já haviam sofrido violência doméstica. As entrevistas foram decisivas conhecer a real problemática da violência contra a mulher no município

**Palavras-Chaves:** Mulheres. Violência. Dominação. Sociedade.

## ABSTRACT

He presents a tract of the violation of the contradiction of the multilateral and non-São Bernardo-AM unions. At the same time, an analogue of a violation in the city of São Bernardo- MA, no ano of 2016. The methodology used in this article is cunho qualitativa. It is like a couple of people who use a few questions about how to make a difference. In fact, the problem is that we have a lot of ten (04) mules, resident of São Bernardo's hometown, as mesmas tiveram are named fictitives, with the motives of elasticity. A break of desserts (04) mulheres is supposed to have conhecimentos to be reproduced as the mesma já haviam sofrido violência doméstica. If you enter a decisive console with a real problem, you will find a violation against a multimedia or apiece.

**Palavras-Chaves:** Mulheres. Violência. Dominação. Sociedade.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 O NOVO PARADIGMA DA VIOLÊNCIA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Violência sociais e criminalidade no Brasil .....</b>	<b>18</b>
<b>3 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER .....</b>	<b>22</b>
<b>3.1 Refletindo sobre a violência contra a mulher .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Dados sobre violência contra a mulher no Brasil e Maranhão .....</b>	<b>25</b>
<b>4 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM SÃO BERNARDO - MA .....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 Descortinando a violência contra a mulher em São Bernardo.....</b>	<b>31</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da violência doméstica contra mulheres no município de São Bernardo -MA. No contexto atual a violência vem se propagando em ritmo acelerado e se disseminando com casos de violência brutal e assustador. Onde o homem através de suas ações, não se intimida diante da lei, pois tem certeza da imunidade. Diante disso, a sociedade acalanta a tristeza e o medo pela perda de seus entes queridos, assim como acalanta o temor pela vida.

No que se refere a violência doméstica, não é diferente, considerando que a sociedade através dos tempos sempre vivenciou práticas de violência doméstica. E que os homens mantiveram por séculos a dominação sobre as mulheres e que as mesmas viveram um bom tempo intimidadas em seus lares. Mesmos a sociedade passando por constantes evolução, a violência doméstica é uma realidade que assombra o cotidiano de muitas mulheres.

Para tanto, este trabalho tem como objetivo analisar a violência doméstica no município de São Bernardo- MA, no ano de 2016. O interesse pela pesquisa surgiu da inquietação enquanto acadêmica de já ter presenciado casos de agressões contra a mulher. Considerando que a violência doméstica é um fato histórico e social, e que a mesma ganhou dimensões mundiais, percebe-se que a sociedade vem contribuindo para a violência nos mais diversos setores.

Diante disso, a problemática surgiu do seguinte questionamento: Quais os motivos que levam as mulheres a persistirem em um relacionamento, mesmo sofrendo violência doméstica? A escolha do tema se justifica pela necessidade de entender a violência doméstica no município de São Bernardo- MA. Sabe-se que o conflito entre os seres humanos é algo muito comum, porém, o conflito entre casais evidencia o homem como agressor e a mulher como principal vítima.

A violência é uma atitude perversa e que a mesma ultrapassou fronteiras e vem se renovando e demarcando território afetando todos. Assim, diante da contemporaneidade, as estatísticas mostram que muitas mulheres estão sendo vítimas em uma frequência alarmante, como algo nunca visto antes pela sociedade. Nota-se que a sociedade na medida que evolui, ela vem trazendo novos paradigmas, com isso surgem novos grupos, como também é notório o desprezo por certos grupos.

Vale ressaltar que a evolução social e tecnológica deu a mulher o poder da mudança, assim, a mesma teve que abandonar velhas práticas, saindo da função exclusiva de dona de casa para o mundo dos estudos e do trabalho. Com isso, o homem que antes era responsável pelo sustento da casa, hoje as despesas passaram a ser divididas. É partir desse contexto histórico que uma parcela desses homens não soube trabalhar bem essa ideia. Atentando assim, para as proibições, a agressões físicas e verbais no seu ambiente doméstico.

O trabalho tem como metodologia a pesquisa de campo de cunho qualitativa e como objeto de pesquisa utilizou-se os questionários semiestruturados. Sendo que os sujeitos da pesquisa tiveram como público alvo (04) mulheres, residentes no município de São Bernardo, as mesmas tiveram seus nomes fictícios, por motivo de normas éticas. A escolha dessas (04) mulheres se deu devido a conhecimentos através de relatos que as mesmas já haviam sofrido violência doméstica.

Vale ressaltar que se trata de questionários elaborados com (10) perguntas, onde foi marcado um dia e hora específica para que os entrevistados fossem ouvidos. Foi dada toda liberdade para que os mesmos se expressassem livremente, sem a interferência do entrevistador. Contudo, a violência sempre esteve presente na sociedade, a diferença é que a medida que a sociedade avança em termos de desenvolvimentos tecnológicos, a violência se propaga chegando a afetar todos.

Diante do panorama da violência, a mesma vem se renovando de acordo com o aparato de desenvolvimento social, isso quer dizer que os grandes protagonistas da violência é o homem, que diante de qualquer conflito, age por impulso no momento de raiva, agride, ameaça e causa a morte. A amplitude dos casos de violência doméstica, fez com que a lei Maria da Penha se concretizasse, depois de muitas lutas de mulheres sofredoras e vítimas de seus próprios parceiros. Vale ressaltar que muitas mulheres perderam a vida devido à violência doméstica, esses fatos sem sendo constante da sociedade atual.

Para tanto, a Lei Maria da Penha, veio devido o avanço e lutas das mulheres, que finalmente puderam ser amparadas pela referida lei. Diante disso, qualquer mulher que se sentir ameaçada e agredida, pode recorrer a delegacia e pedir ajuda da lei. Assim, a referida lei veio promover uma mudança nos valores sociais, onde a violência se dissemina que é no contexto familiar. O lugar que era para ser um ambiente agradável e harmônico, é muitas das vezes o lugar onde as mulheres se vivem diante de seus dilemas e seus piores pesadelos.

A violência afeta todas as classes sociais, de norte a leste, a mesma se apresenta diariamente devido a existência dos conflitos. A sociedade vem demonstrando uma renovação

da violência, assim, nem crianças e idosos estão imunes. Ao contrário, o homem a cada dia tem muitos problemas que lhe sobrecarregam, assim, muitos destes não sabem lidar com problemas e conflitos e não foram utilizando da violência.

Violência, essa que pode ser verbal, física ou psicológica, a verdade é que as mulheres a todo momento sofrem nas mãos de seus agressores. Assim, falar da violência, é entender que estamos vivenciando um novo paradigma social. Onde a violência se renova de maneira perversa. O trabalho teve como embasamento teórico os seguintes autores e livros: Wieviorka (1997), BRASIL (2006), CÔRTEZ (2012), FRASER, (2001), SANTANA (2010), SOARES (2004), entre outros.

Assim, este trabalho será dividido em quatro capítulos: o primeiro trata da introdução, que traz um relato geral sobre todo o corpo do trabalho. No segundo capítulo trata da violência sociais e criminalidade no Brasil, onde destaca alguns pontos relevantes sobre o novo paradigma da violência. No terceiro capítulo faz uma breve abordagem sobre a violência contra a mulher, mostrando os dados sobre a violência contra a mulher Brasil-Maranhão.

O quarto capítulo aborda-se a pesquisa de campo, onde mostra os sujeitos da pesquisa, a caracterização do município pesquisado, assim como a tabulação e as análises dos dados. E por fim, tem-se as considerações finais do trabalho, onde mostra todo o resumo do mesmo.

## 2. O NOVO PARADIGMA DA VIOLÊNCIA

A violência sempre fez parte de nossas sociedades, os registros históricos apontam que o homem manteve uma relação muito próxima com as práticas classificadas como violência, a ponto de ser protagonista e principal alvo da mesma. A violência, pensada em sua amplitude, ultrapassa fronteiras, pois pode estar em toda parte e de maneiras diversificadas, atingindo não somente pessoas, mas tudo que encontra na natureza. Nas últimas décadas a sociedade mundial sofreu muitas transformações em todos os seus setores, transformando as maneiras de pensar e exercer a violência. Aquilo que entendemos por violência ganha dimensões nunca antes vistas, incorporando novas características e um repertório diferenciado em relação às décadas anteriores.

Em levantamento temático acerca do assunto, Alba Zaluar (2004) pondera que a reflexão sobre “o que é violência” e seus múltiplos planos e significados não se trata de uma pauta recente<sup>1</sup> nos debates acadêmicos. Diante da *polissemia* do termo e de toda a dificuldade envolvida em seu tratamento, Zaluar considera que:

Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego da força física, ou recursos do corpo para exercer a sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo assim carga negativa ou maléfica. Portanto é a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento causado) que vai caracterizar um ato como violento, percepção que varia cultural e historicamente. (Zaluar, 2004, p. 228-9)

Para a autora, seria através da “percepção dos limites” e “perturbações” de acordos tácitos e regras que ordenam as relações sociais, que eventos poderiam, ou não, serem apreciados como violentos. Yves Michaud (1989) afirma que essas perturbações, cultural e historicamente localizáveis, não estariam limitadas ao emprego e/ou ameaça do uso da força física, pois:

[...] há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (Michaud, 1989, p. 10)

---

<sup>1</sup> Alba Zaluar fragmenta sua argumentação acerca dos campos temáticos que fazem parte do imaginário coletivo dos cientistas sociais que se dedicaram aos estudos da violência e da criminalidade em cinco eixos de análise. São eles: a) a reflexão sobre *o que é violência* e seus múltiplos planos e significados; b) *as imagens ou representações sociais do crime e da violência* e o medo da população; c) *a contagem das vítimas e dos crimes*; d) *a procura de explicações para o aumento da violência e da criminalidade*; e, e) *o problema social da criminalidade como tema de política pública*. (Zaluar, 2004, p. 227-8).

Acompanhando os argumentos de Michaud, poderíamos observar a polissemia da violência através dos danos físicos, morais, materiais, simbólicos e/ou culturais que inquietam e perturbam indivíduos e coletividades.

Reportando-se a atualidade do fenômeno violência e suas múltiplas interpretações, Adorno considera que “na história do moderno pensamento ocidental, o conceito de violência nasce atrelado ao pressuposto antropológico da absoluta autonomia do indivíduo.” (Adorno, 2002, p. 273) Nesse sentido, tudo aquilo que pudesse ser apreciado como restrição e/ou dano as autonomias individuais poderia ser representado como uma manifestação de violência. O autor considera que esse tipo de raciocínio seria problemático devido, entre outras coisas, a impossibilidade teórica e prática de uma distinção entre *poder*, *coação* e *violência*, ou seja, nessa chave interpretativa não teríamos “como distinguir poder legítimo e ilegítimo, o justo e o injusto” (Colliot-Thélène, 1995, *apud* Adorno, 2002).

A superação dos problemas relacionados a esse tipo de argumentação teria sido alcançada, segundo Adorno, através da equação weberiana que identifica “o estado com o monopólio da violência” (Adorno, 2002, p. 274)<sup>2</sup>. Interessado nas dinâmicas e engrenagens que fazem funcionar o Estado Moderno, Max Weber (1992) o define sociologicamente através da presença de um meio específico que lhe seria próprio, a *coação física*. Nas palavras do autor:

Em nossa época, entretanto, devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território – a noção de território corresponde a um dos elementos essenciais do Estado – reivindica o *monopólio do uso legítimo da violência física*. É, com efeito, próprio de nossa época não reconhecer, em relação a qualquer outro grupo ou aos indivíduos, o direito de fazer uso da violência, a não ser em casos em que o Estado o tolere: o Estado se transforma, portanto, na única fonte do ‘direito’ à violência. (Weber, 1992, *apud* Adorno, 2002, p. 275)

O que implicaria afirmar que vivemos “numa forma de organização social onde os governantes têm a sua disposição grupos de especialistas que estão autorizados a usar a

---

<sup>2</sup> Adorno (2002) pondera que as raízes dessa associação entre o Estado e o monopólio da violência desenvolvida por Max Weber teriam sofrido influência direta dos escritos de Kant acerca da formação do Estado. Segundo o autor: Em Kant, o Estado é, por excelência, ‘a *unificação de uma multiplicidade de homens sob leis jurídicas*’ (Doutrina do Direito, *apud* Colliot-Thélène, 1995). Do mesmo modo que outros agrupamentos políticos, o Estado é uma empresa de dominação de uns sobre os outros, por meio do recurso à violência ou à ameaça de seu emprego. No entanto, trata-se de uma violência legítima, porque autorizada pelo direito. É isto que faz com que lhe seja possível diferenciar força coatora do Estado do puro e simples recurso à violência para impor a vontade de uns sobre outros. [...] Desse modo, não se reconhece mais outro ordenamento jurídico que não seja o estatal, e outra fonte jurídica do ordenamento estatal que não seja a lei. [...]’ (Adorno, 2002, p. 274)

força física em emergências e também a impedir outros cidadãos de fazerem o mesmo.” (Elias, 1993, p.162) Para Adorno (2002):

[...] o conceito weberiano de Estado envolve, pelo menos, três componentes essenciais: monopólio legítimo da violência, dominação e território. O Estado moderno é justamente a comunidade política que expropria dos particulares o direito de recorrer à violência como forma de resolução de seus conflitos. (Adorno, 2002, p. 275)

O “monopólio legítimo da violência” não se configura, nessa chave interpretativa, como uma *invenção sociotécnica* qualquer, mas como um dos meios externos nos quais se apoia a dominação social. Sob a égide do ideal contemporâneo da monopolização da violência nas mãos dos Estados nacionais, as perturbações dos limites e das regras agenciadas por atores a quem é vedado o exercício da coação física modulariam “a violência” característica de nossos tempos, considerada por muitos uma *violência urbano-criminal*<sup>3</sup>.

Críticas instigantes aos argumentos de Weber foram desenvolvidas recentemente por estudiosos que se dedicam a compreensão das atuais dinâmicas da violência e da criminalidade em nossas sociedades. De olho nas mudanças: das manifestações tangíveis do fenômeno; nas formas de significar e representar o mesmo; e, dos esquemas interpretativos que o tomam como objeto de estudo, Wieviorka (1997) considera que estaríamos diante de um *novo paradigma da violência*. Para o autor, nesse novo paradigma estaria em jogo a validade de algumas interpretações consideradas “clássicas”, especialmente a weberiana, que associam a violência a sua dimensão estritamente estatal e política.

Versando sobre a articulação dessa “nova violência” com a dimensão política da sociedade, Wieviorka considera que reportar-se a uma *violência infrapolítica* significa observar a instrumentalização de práticas violentas articuladas não com a tomada do poder do Estado, mas à finalidades privadas fragmentárias, não inscritas, inicialmente, no campo “clássico” da política. Falaríamos aqui, das atividades ligadas ao controle e à acumulação dos recursos econômicos, dos fenômenos racistas e xenófobos, e, das práticas que expressam a face lúdica dos indivíduos e das coletividades em suas lutas por ‘acréscimo de sentido’ (Ibid., p. 32). Por outro lado, remetendo-se a uma

---

<sup>3</sup> De acordo com Michel Misse (2006), ao referir-se ao processo de *construção social do crime* no Brasil, as práticas criminalizadas se referem aos cursos de ações *típico-idealmente* definidos como “crime”. Definição essa processada através da reação moral à generalidade que define tal curso de ação e o põe nos códigos, institucionalizando sua sanção.

*violência metapolítica* o autor busca identificar os “transbordamentos” do fenômeno para além de um espaço relacional do tipo político. Contudo, como pondera Wieviorka, isso não significa que essa violência seja apolítica, pois “ela é uma maneira de ver as coisas nas quais os problemas políticos estão ao mesmo tempo associados e subordinados a outros problemas, definidos em termos culturais, religiosos.” (Ibid., 33).

Através de seu *novo paradigma da violência* Wieviorka quer chamar nossa atenção para os entrelaçamentos das dimensões sociais, políticas e culturais da vida social. Um novo arranjo social, não modulado unilateralmente por um espaço relacional do tipo político, nos obrigaria a rever as concepções clássicas de Weber acerca da violência, instigando-nos a refletir sobre a validade de seus instrumentais teóricos e metodológicos para a compreensão de suas manifestações contemporâneas.

Adorno (2002) nos recorda que Wieviorka toma como contexto referencial para suas argumentações:

[...] sociedades ocidentais capitalistas que compõem o chamado mundo desenvolvido. Não têm por referência o Estado em sociedades que, embora sob a égide do Ocidente moderno, não teriam ainda concluído – se é que devessem fazê-lo ou vão ainda fazê-lo – suas tarefas de modernização econômica e política, inclusive a consolidação da democracia social, como é o caso da sociedade brasileira. (Adorno, 2002, p. 278)

E nos motiva a pensar sobre:

[...] como se coloca o monopólio estatal da violência em sociedades que jamais lograram, em sua história social e política, alcançá-lo efetivamente e que certamente não o lograrão imersos que se encontram na avalanche do processo de globalização, seja lá o que isto signifique? E, mais, se considerarmos as tradicionais ausências de claras fronteiras entre o público e o privado, entre as atribuições estatais de controle público da violência e o largo espectro de recurso à violência privada como forma de resolução de conflitos nas relações sociais e interpessoais? E, se ainda acrescentarmos a esse quadro o rápido desenvolvimento do mercado privado de segurança que acentua ainda mais os obstáculos para lograr o monopólio estatal da violência? (Ibid., p. 279)

As respostas a essas perguntas envolvem uma série de variáveis e, como destaca Adorno, o debate está apenas começando. O que o conhecimento acumulado nos permite dizer é que: as práticas consideradas violentas sofreram uma série de transformações ao longo das últimas três décadas, devido, entre outros motivos, aos recentes avanços tecnológicos e ao surgimento das redes de crimes transnacionais; e, os sentidos e significados atribuídos às práticas violentas modificaram-se significativamente, gravitando em torno de finalidades econômicas privadas e/ou questões de cunho identitário.

Em um contexto de transformações e permanências, estudiosos dedicados à compreensão do tema apontam o débil monopólio da violência nas mãos dos Estados nacionais, especialmente no Brasil, como uma situação favorável e propícia à difusão de práticas consideradas violentas. Falaríamos, num registro weberiano atualizado por Wieviorka, de uma violência gerida nos interstícios da incapacidade dos Estados nacionais de salvaguardarem para si o monopólio das práticas violentas. Uma violência perpetrada por atores que resolvem seus conflitos sem a mediação das instituições legais encarregadas de tal tarefa, incorrendo, geralmente, em práticas socialmente criminalizadas. Nesse momento, o Estado assume sua parcela de responsabilidade, não como o algoz de uma violência rotineiramente perpetrada, mas como a instituição que “permite” e torna possível a ocorrência reiterada dessas práticas em seus domínios. É desse tipo de violência que trataremos em nosso trabalho.

Enquanto fenômeno social, e sociológico, a violência deve ser apreendida através das relações historicamente localizáveis que modulam suas manifestações, pois nesses momentos significados são produzidos, negociados e atualizados. Nesse jogo interpretativo, devemos levar em consideração em nossas análises o ponto de vista sob o qual ela é engendrada e percebida, observando a partir de que normas, condições e contextos ela está sendo significada.

## **2.1 Violência e criminalidade no Brasil contemporâneo**

O termo *cidadania* tem sido recorrentemente acionado nos esforços empreendidos para a reconstrução, ou como alguns preferem construção, de uma democracia brasileira pós-regime ditatorial (1964-1985). José Murilo de Carvalho (2008) considera ter-se tornado costume o desdobramento da categoria em suas dimensões *civis*, *políticas* e *sociais* nas análises relativas às experiências democráticas atuais. A partir dos argumentos de Marshall (1967), a cidadania é apreciada em suas múltiplas dimensões inclusivas, capazes de revelarem as aproximações e as distâncias com relação a uma sociedade de caráter mais igualitário.

Os *direitos civis* seriam os direitos fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade e à igualdade perante a lei. Podem ser desdobrados nas garantias de ir e vir, escolher o próprio trabalho, manifestar o pensamento, organizar-se, ter respeitada a

inviolabilidade do lar e correspondência, não ser preso a não ser pela autoridade competente e de acordo com as leis, e, entre outros, não ser condenado sem processo legal e regular. São os direitos cuja garantia se baseia na existência de uma justiça independente, eficiente, barata e acessível a todos. Para Carvalho, “são eles que garantem as relações civilizadas entre as pessoas e a própria existência da sociedade civil surgida com o desenvolvimento do capitalismo. Sua pedra de toque é a liberdade individual.” (Carvalho, 2008, p. 9). Os *direitos políticos*:

[...] se referem à participação do cidadão no governo da sociedade. Seu exercício é ilimitado a parcela da população e consiste na capacidade de fazer demonstrações políticas, de organizar partidos, de votar, de ser votado. Em geral, quando se fala de direitos políticos, é do direito do voto que se está falando. [...] os direitos políticos tem como instituição principal os partidos e um parlamento livre e representativo. São eles que conferem legitimidade à organização política da sociedade. Sua essência é a idéia de autogoverno. (Carvalho, 2008, p. 9)

Versando sobre o que se costuma entender atualmente por *direitos sociais*, o autor pondera que:

Se os direitos civis garantem a vida em sociedade, se os direitos políticos garantem a participação no governo da sociedade, os direitos sociais garantem a participação na riqueza coletiva. Eles incluem o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, à aposentadoria. A garantia de sua vigência depende da existência de uma eficiente máquina administrativa do Poder Executivo. [...] Os direitos sociais permitem às sociedades politicamente organizadas reduzir os excessos de desigualdades produzidos pelo capitalismo e garantir um mínimo de bem-estar para todos. A idéia central em que se baseiam é a da justiça social. (Ibid., p. 10)

Investigando o processo de construção de uma democracia *à brasileira*, sob a ótica de suas normatizações e efetivas garantias dos direitos inscritos na letra da lei, Teresa Caldeira e Murilo de Carvalho diagnosticaram problemas significativos em nosso trajeto. Caldeira (2000) considera que a democracia brasileira incorporou um caráter *disjuntivo* no caminho que percorreu, enquanto Carvalho (2008) afirma que nos encontramos democraticamente em uma *encruzilhada*, devido, entre outros fatores, à falta de equilíbrio nos acessos às dimensões inclusivas da cidadania observáveis em nosso empreendimento.

Apreciando o atual caráter da democracia brasileira como *disjuntivo*, Caldeira quer chamar nossa atenção para os processos contraditórios de simultânea expansão e desrespeito aos direitos da cidadania, processos que de fato marcam muitas das experiências democráticas no mundo atual. Para a autora, “a cidadania brasileira é disjuntiva porque, embora o Brasil seja uma democracia política e embora os direitos

sociais sejam razoavelmente legitimados, os aspectos civis da cidadania são continuamente violados.” (Caldeira, 2000, p. 343) Reportando-se ao nosso trajeto histórico rumo à democratização, Carvalho destaca que:

Aquí, primeiro vieram os direitos sociais, implantados em período de supressão dos direitos políticos e de redução dos direitos civis por um ditador que se tornou popular. Depois vieram os direitos políticos, de maneira também bizarra. A maior expansão do direito do voto deu-se em outro período ditatorial, em que os órgãos de representação política foram transformados em peças decorativas do regime. Finalmente, ainda hoje muitos direitos civis, (a base da seqüência de Marshall), continuam inacessíveis a maioria da população. (Carvalho, 2008, p. 220)

Visualizando um significativo avanço nos acessos às esferas políticas e sociais da cidadania e uma débil garantia dos seus aspectos civis, Carvalho (2008) considera que estes últimos poderiam ser considerados “retardatários” na longa trajetória da construção democrática brasileira.

Diante desse quadro, os autores desenvolvem posições críticas semelhantes quanto ao atual momento, considerado frágil, de respeito aos direitos civis da cidadania no Brasil. Direitos que não seriam violados apenas por aqueles atores para os quais não é reservado o exercício do monopólio legítimo da violência, mas também, e de forma gritante, por representantes das agências estatais encarregadas de lidar com a violência e a criminalidade em nossa sociedade. Paulo Sérgio Pinheiro (2000) afirmava, em fins do século passado, que:

Durante as transições democráticas na América Latina nos anos 80 havia a grande esperança de que o fim das ditaduras significasse a consolidação do Estado de Direito. [...] No entanto, quando as sociedades latino-americanas passaram por transições de ditaduras para governos civis, as práticas autoritárias de seus governos não foram afetadas por mudanças políticas ou eleições: sob a democracia prevalece um sistema autoritário, incrustado em especial nos aparelhos de Estado de controle da violência e do crime. (Pinheiro, 2000, p. 11)

Importante notar, como bem destaca o autor, que essas *práticas autoritárias*, resultado de nosso legado histórico e de períodos ditatoriais recentes, “se abatem de preferência sobre as maiorias que constituem as populações pobres e miseráveis, precisamente aqueles setores que são os alvos do arbítrio, da criminalização e da discriminação.” (Ibid., p. 13) Os laços históricos entre Estado de Direito e autoritarismo em nossa sociedade, segundo Pinheiro, não seriam superados por completo por uma nova ordem democrática, já que:

[...] os pobres e os membros marginalizados da sociedade têm sido sistematicamente alvos do mau tratamento do sistema judicial como um todo

(Judiciário, polícia, prisões) pelo uso ilegal e arbitrário da força, em flagrantes violações dos direitos humanos, como na “legalidade autoritária”. (Ibid., p. 13)

As classes populares seriam as *vítimas preferenciais*, em nosso passado recente e ainda hoje, das práticas ilegais e autoritárias exercidas pelo braço operante do Estado brasileiro encarregado de lidar com a violência e a criminalidade. Vivemos, nessa chave interpretativa, numa democracia constitucional que ao mesmo tempo em que reserva aos pobres assentos preferenciais em espetáculos de violência e criminalidade, insiste em manter impunes os crimes cometidos por seus agentes.

Diante desse quadro pretendemos em nosso trabalho refletir sobre as experiências de mulheres maranhenses, mais especificamente de São Bernardo, que ao longo de suas vidas experimentaram situações de violência em seus lares.

### **3. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

O capítulo em questão aborda a violência contra a mulher, a fim de conduzir o leitor a uma melhor compreensão sobre a temática e também mostrar como a mulher vem sendo tratada e aceita na sociedade contemporânea. Sabe que por muitas décadas as mulheres não tinham os mesmos direitos que os homens. Estas viviam exclusivamente para os afazeres domésticos, a reprodução, criação, educação dos filhos e cuidados com o esposo e a família em si.

Jamais em tempo algum a antiga sociedade permitiu que a mulher realizasse alguma atividade fora de casa. Isso estava fora de questão, só através das mudanças sociais que se voltaram os olhares para perceber a mulher como sujeito de direito e que detinha de todas as possibilidades para exercer qualquer atividade trabalhista como qualquer homem.

#### **3.1. Refletindo sobre a violência contra a mulher**

A mulher sempre foi vítima de algum tipo de violência, a trajetória história enfatiza que a mulher sempre foi vista pela sociedade como sexo inferior. Assim, isso culminou para que hoje a mulher, mesmo se tornando um sujeito de direitos iguais, ainda existe uma cultura enraizada baseada no preconceito, o que acaba gerando violência nos mais diferentes tipos.

A violência vem sendo fazendo parte da vida da mulher nos últimos anos de maneira muito intensa e preocupante. A violência é percebida como algo que vai muito além de simples agressões físicas e verbais. Essa mesma violência é fruto de uma história que foi construída a partir de uma possível relação de poder do homem sobre a mulher nos aspectos de gênero, classe, raça e etnia. Vale considerar que a sociedade não é mais a mesma, as transformações moldaram o perfil feminino por completo. Isso gerou grandes vantagens profissionais como também graves consequências para a vida da mulher.

Para Cunha (2007) a violência contra a mulher é definida como:

Ato de omissão de conduta que se baseia na ideia de infligir sofrimentos no corpo, assim como mentais, sexuais de forma direta ou indiretamente. Assim, as ameaças, coações, e outras maneira de intimidar a mulher, por simples satisfação de vê-la punida e humilhada. Muitos são os atos de violência contra a mulher, este vai desde manter sua segurança abalada, até diminuir por completo sua autoestima (CUNHA, 2007, p. 26).

Nesse panorama, o que se percebe é que a violência contra a mulher é praticada pelo homem, que geralmente tem contato direto com a mesma a bastante tempo. Assim, é notório que esses homens, são na verdade; um ex-companheiro, um marido, namorado. Contudo, trata-se de uma violência que só vai se propagando a medida que as leis não punem com rigor quando deveriam. Muitas das vezes a mulher sempre acabam que acreditando nas palavras bonitas do companheiro, assim, as simples agressões passam despercebidas pelas mesmas. Elas só procuram ajuda no último caso, por medo, ameaças, entre outros.

Para Silva (1992), “na maneira como as relações entre homens e mulheres foram estabelecidas, colocou o homem como tendo todo poder sobre a mulher, isso gerou uma cultura que se propagou até os dias atuais. ” Dessa maneira, a relação entre homem e mulher transmitiu a ideia de que havia uma ideologia dominante, ou seja, a homem por muito tempo reafirmou sua ideologia masculina, colocando a mulher como um ser inferior a ele.

No momento em que se dá uma inversão de ideologia, ou seja, o homem tem seu poder colocado em questão, muitos problemas começam a fazer parte da relação entre homens e mulheres. Contudo, a mulher vai em busca de seus direitos perante a sociedade, com isso, muitos homens se acham no direito de utilizar de todos os argumentos para impor violência contra a mulher. Assim, a história da mulher vai ser contada de muitas conquistas, desafios e também vai demonstrar um lado obscuro, pois elas vão sofrer violência físicas, psicológicas.

O Art. 5º da lei 11.340/2006, conceitua a violência doméstica como: É considerada violência doméstica contra a mulher qualquer ação ou omissão de gênero que lhe cause a morte, assim como lesão, agressão física, psicológica sexual de dano moral ou patrimonial. Portanto, na verdade, a problemática que envolve a mulher na situação de violência, é um problema social, pois as consequências são amplas e diversas que vão muito além de uma simples agressão física ou verbal. Contudo, as agressões são tão desumanas que culminam para a morte e a perplexidade da família, sociedade e das leis diante de tamanha brutalidade e covardia. Vale ressaltar que de acordo com a sociedade trata a mulher e o homem em si, nascer mulher, já é chegar no mundo completamente em desvantagem sobre a violação dos direitos humanos.

Para Bock, Furtado; Teixeira (1999), a mulher vítima de violência doméstica, é fruto de um padrão que iniciou no seio familiar através de subordinação e imposições do homem. Apesar das mudanças sociais e familiares ser visível, ainda prevalece o modelo padrão de autoridade paterna, assim como submissão da mulher e dos filhos. Nesse sentido, mesmo com tantas mudanças e inversão de valores, ainda existem aquelas famílias que vivem

voltados para a formação familiar dos tempos antigos, onde o pai dita as regras, restando mulher e filhos obedecer. Nessa dinâmica, a mulher já cresce sabendo que é submissa ao pai e posteriormente ao marido, onde o medo em algum momento vai falar mais alto. Vale ressaltar que a mulher teve a liberdade para usufruir de todos os direitos legais, com isso, uma nova inversão de valores para a fazer parte da sociedade. Mais isso, nem tudo é só alegria, muitas mulheres passam a partir desse instante a colocar a sua própria vida em jogo, pois muitos de seus companheiros, não aceitaram de imediato essas mudanças. Isso gerou tanto desconforto para as mulheres que muitas destas nunca conseguiram ter liberdade para explorar novas aventuras fora da família.

Para Menezes (2000), no que se refere a classe trabalhadora, o medo ou respeito ao marido é algo cultural. Assim, colocar em questão essa temática, é questionar o pensamento social, psicológico, econômico, moral e religioso. Tratar de submissão da mulher em relação ao homem, é mexer com a estruturas de uma articulação baseada em conceitos e crenças de pura dominação. Portanto, o que se percebe é que a cultura de dominação sobre a mulher parte do convívio familiar. Assim, em muitos momentos o homem na verdade não vai exercer o papel de marido ou namorado, e sim vai se colocar no lugar de pai, mandando e intimidando a mulher a fazer tudo o que ele quer. Infelizmente isso acontece em grande escala na sociedade moderna, mesmo a mulher tendo plenos poderes de direitos e liberdade, ainda se deixa manipular pelo homem.

É preciso ressaltar que muitas famílias tem o pai como um sujeito agressivo e muita das vezes violento. Isso acaba que influenciando na vida dos filhos, onde a mulher já cresce sendo alvo de violência. A violência que se inicia na família, se propaga mundo a fora, assim nascer mulher, já não parecer ser tão bom como antes. A violência contra a mulher se dá em muitas vezes na tentativa de recuperar a dominação, como também no sentido de confirmara a identidade do homem.

Para Azevedo (1985), diz que a violência tem dois fatores responsáveis, que é o sistema capitalista, a educação, machismo e o segundo fator seria as pessoas que usam álcool e drogas, e também o cansaço e estresse que culminam para o descontrole dos sentimentos e partem para a agressividade.

Nesse sentido, a sociedade chegou a um patamar de desordem no que se refere a proteção a vida da mulher. Contudo, é perceptível que em nenhuma sociedade anterior tratou a mulher tão mal como esta. Assim, esses maus tratos dizem respeito a fragilidade como esta encontram-se com medo de ser sofrer qualquer tipo de violência. Vale ressaltar que os

homens muitas das vezes se colocam acima de qualquer suspeita, pois aparentam muita tranquilidade, boa aparência, boa família, isso não quer dizer que ele não seja um agressor na relação conjugal.

Para Kashani e Allan (1998), cada violência tem um tipo diferenciado, isso quer dizer que a mulher pode ter sérios prejuízos no seu desenvolvimento afetivo, emocional, moral, cognitivo e físico. Assim, dependendo do tipo de violência, a mulher pode ter graves sequelas e até mesmo seus movimentos interrompidos por completo. Dessa maneira, a violência comum, é a doméstica, ela tem sintomas psicológicos constantes, que vão desde depressão, insônia, falta de apetite, falta de concentração, síndrome do pânico, até uso de drogas e álcool, e tentativas de suicídio. Considerando o homem, como grande detentor de inteligência, quando este por alguma razão comete violência contra a mulher, ele mesmo tenta de convencer a mulher de suas fraquezas. E muitas das vezes acaba que convencendo, pois, o medo da mulher é tão grande e os casos de mortalidade tão frequentes e brutais que estas acabam que intimidadas, tentando a todo custo salvar a vida e sua família.

É notório que o comportamento da mulher e do homem vem mudando consecutivamente, assim também a tendência da moda a cada vez mais exagera nas vestimentas, fazendo com que ambos mostrem o corpo. Isso de uma certa maneira prejudica a mulher que acaba que, virando objeto de desejo para o homem. Contudo, o homem é imprescindível, ele pode mudar de comportamento em questão de segundo, com isso, a mulher acaba que sendo alvo de seus problemas. E também outro fator importante no conceito de violência, diz respeito a troca de casais em grande frequência. Vale ressaltar que muitas das vezes, o ex- companheiro não aceita a separação de imediato, isso acabada que gerando perseguição, violência e morte.

Para Côrtez (2012), em muitos casos o relacionamento permanece na coação, pois ainda é frequente o grande número de mulheres que ainda não trabalham e que depende, exclusivamente do homem. Isso, na verdade não deixa de ser uma violência, visto que muitas das vezes o marido não aceita que a mulher trabalhe. Nesse sentido, diante de inúmeras situações, o que acaba acontecendo é que a sociedade passa por constante mudança, mais é preciso enfatizar que ainda existem mulheres vivendo como antigamente, sendo privada e violentada nas mais diversas formas.

Contudo, por mais que a mulher conheça o homem, é preciso considerar que não se deve confiar, pois a confiança, é que faz com que o homem se sinta dono da situação. Assim, a violência verbal deve ser vista como algo anormal, pois essas atitudes querem

revelar algo, que não é bom, tudo começa pela agressão verbal, para se ampliar depois pela agressão física e a morte. A mulher, mesmo sendo livre e de direitos, ainda permanece na cultura de domínios, pois a mesma muita das vezes, só vai se sentir segura se o pai ou irmão estiver presente.

Mesmo existindo liberdade e direitos para trabalhar, muitas ainda não usufruem dessas ideias, o medo fala mais alto. O que é muito comum perceber que a mulher tenta viver em liberdade, mas na verdade sua liberdade é limitada, principalmente quando tem um companheiro.

### **3.2 Dados sobre a violência contra a mulher no Brasil e Maranhão**

Basta ficar meia hora frente à televisão para ouvir tristes notícias relacionadas a violência contra a mulher. Essa violência está presente e é visível nas esferas públicas nos contextos culturais, sociais e históricos. O Brasil virou seu foco para essa temática, a fim de trazer à tona da sociedade um problema nessa dimensão. Contudo, no Brasil, a maioria da população é composta de mulheres, assim grande parte encontra-se submetidas as mais diversas formas de violência. Assim, na medida que os casos foram se propagando, houve um grito de socorro, esse grito foi de um pequeno grupo de mulheres que nunca tiveram coragem para de vir a sociedade e contar sua história.

No ano de 1994, foi realizada a Convenção de Belém do Pará, conhecida como Convenção Internacional para prevenir, erradicar e punir com rigor qualquer violência contra a mulher. Nota-se um grande avanço nas políticas públicas brasileiras, pois a partir de então, há uma nova ordem visto que demais Estados compartilharam das mesmas ideias. Nessa perspectiva, essa convenção veio enfatizar que a violência contra a mulher é na verdade uma violação dos direitos humanos. No entanto, o Brasil não cumpriu a meta estabelecida pela erradicação, mais sim efetivou no compassar dos anos um a propagação dos casos de violência contra a mulher.

Na sociedade atual as mulheres são desafiadas a enfrentar o mundo do trabalho, pois vive-se em tempos difíceis, onde ajuda financeira da mulher é componentes vital para que a família possa oferecer o básico aos filhos. Assim, nota-se que durante a trajetória história, tudo para a mulher era difícil, ou seja, os obstáculos eram tão grandes que muitas nem se arriscavam a enfrentar a sociedade. Depois de muito sofrimento, a mulher finalmente se libertou, agora seu castigo encontra-se pautado no medo em temor da vida. Pois, a cada dia

morre uma mulher no Brasil, isso aponta para que nova políticas públicas sejam efetivas com mais rigor.

Contudo, as mudanças mostram que a mulher vem demarcando seu território aos poucos, e que já provou sua capacidade até mesmo para governar um país. A luta pela igualdade salarial continua, os empregos mais masculinos, as mulheres já mostraram que também podem fazer, assim, já não há nada mais tão natural e masculino (RAGO, 2008, p.582).

Nesse sentido, a maneira como a mulher vem ganhando espaço na sociedade e nos trabalhos que antes eram exclusivamente dos homens, chega a gerar uma certa preocupação e um medo, já que a população brasileira é formada na maioria por mulheres. Contudo, há muitos desafios a serem superados ainda, o salário ainda é inferior aos dos homens, mesmo elas desempenhando a mesma atividade. Percebe-se que a sociedade atual acredita no potencial feminino, no que se refere ao trabalho. Com isso, há uma inversão de valores e cultural que antes era dotada e exclusiva dos homens.

Na sociedade moderna, as mulheres em grande parte assumem e toda responsabilidade financeira da família, enquanto que uma grande maioria dos homens vivem exclusivamente para os afazeres da casa e os cuidados com os filhos. Essa questão, vai trazer liberdade e oportunidade nunca vista e alcançadas antes pelas mulheres. Essa autonomia trouxe para a mulher muitos problemas. Pois mesmos, muitos homens, sendo bons de saúde, deixaram toda responsabilidade financeira nas costas das mulheres.

Assim, muitas são obrigadas a trabalhar, baseada em ameaças, além de não terem direito de compararem o que desejam. Entende-se que nesse novo panorama, a mulher sofre todas as retaliações machistas dentro de casa, vivendo privada de liberdade e coagida pelo companheiro. Tentando preservar a famílias e os filhos, muitas mulheres se assujeitam a sustenta o companheiro, mesmo ele tendo condições perfeitas para o trabalho. Contudo, a mulher sofre calada todos os tipos de violência, pois por medo, ameaças não podem reagir, temendo a vida.

Segundo a pesquisa do Data folha do dia oito de março de 2017, evidenciou que de cada três mulheres, uma já sofreu algum tipo de violência. Nesse sentido, essa pesquisa mostra que a violência persiste no aumento dos casos. A pesquisa é contundente em afirmar que 22% das mulheres sofreram violência verbal no passado, totalizando 12 milhões de mulheres. Enquanto que 10% foram vítimas de violência física, enquanto que 8% sofreram abuso sexual.

E que 4% receberam alguma ameaça com arma de fogo e faca, e que 3% ou 1,4 milhões de mulheres sofreram tentativa de estrangulamento ou espancamento e que 1% levou pelo menos um tiro. A pesquisa mostrou que 52% das mulheres que sofreram violência se calaram, 11% procurou a delegacia da mulher e que 13% preferiram o auxílio da família. No que se refere ao agressor, 61% foi um conhecido, 19% ex-companheiros e que as agressões com maior gravidade aconteceram dentro de casa.

Nesse panorama, o Estado do Maranhão vem perdendo suas mulheres para os agressores, que mesmo infringindo as leis e os direitos humanos, sempre existem uma brecha nas leis, dando uma segunda chance para estes, colocando a mulher em alvo fácil. E também sendo alvo de um Estado que não prioriza a vida da mulher, pois os dados continuam se propagando e não se vê nada que reforce a ideia de prevenir e punir o agressor. Sendo que muitas das vezes a mulher denuncia o agressor por muitas vezes, registra vários boletins de ocorrências, mas que acaba perdendo a vida. A mulher faz de tudo para preservar a vida, mais muitas das vezes é enganada, pois as pessoas que antes eram e sua total confiança, são os que praticam atos violentos e bárbaros por coisas, simplesmente banais.

Assim, percebe-se uma lei que deveria lhe dar proteção, é a mesma que vai facilitar tudo para o agressor, acreditando que ele vai mudar e que deve ter uma segunda chance. É justamente aí, que as leis se contradizem, pois, independentes de qualquer tipo de agressão, o caso tem que ser levado a sério pelas autoridades. Colocando a mulher a proteção exclusiva, pois qualquer ato de agressão por menor que seja, já é para se renunciado e as leis ficam em alerta.

Para Rorty (1996),

Na sociedade moderna, o machismo ainda encontra-se empregando, ou seja, é como um animal que convivemos todos os dias, mais que muitas das vezes a subjugação e subordinação muita das vezes passa despercebida. Esse monstro que permeia a sociedade e encontra-se presente no cotidiano familiar, na verdade diz respeito ao homem que aparenta ser inofensivo. Mais que devido a cultura machista de sempre estarem no comando da relação, mandando e desmandando, é que o homem se torna muitas das vezes em total desconforto, tendo que se adaptar as mudanças (RORTY, 1996, p.232).

Nessa ótica, o machismo tem sua face que vem sobrevivendo a cada geração, mascarado pela representação dos sentimentos, onde a mulher acaba que propiciando ao homem o controle sobre a mesma. Assim, o homem se acha detentor de toda liberdade e poder para manipular e oprimir a mulher, assim, essas atitudes machistas muita das vezes tem interpretações inversas e comparadas como amor e cuidados. Dando a entender que, quem amam, cuida e vigia, sendo que na verdade há por traz de tudo isso, um poder de subjugação

da mulher nas mais diversas situações, assim, a mulher está sempre fazendo a vontade do homem, seja ela, de mandar, ou sexuais.

A sociedade vive atrelada a uma violência que é vista como um fenômeno social e individual, a violência se caracteriza pelo simples fato de ser baseada na impulsividade e força. Contudo, a violência em muitos casos parece ser apenas uma exibição machista, atrelada a fraqueza e um ato de pura covardia. Assim, a violência ganha evidência e se propaga com grande intensidade, gerando graves problemas na família, sociedade nos filhos e principalmente na mulher. Acredita-se que o cenário atual coloca a mulher frente ao medo, pois a realidade dos casos é tão gritante e brutal que muitas mulheres preferem viver seu próprio tormento, embasado na violência diversificada.

Contudo, os estudos e pesquisas mostram que a mulher que sofre violência, tem muitos argumentos e obstáculos para dar notícia da agressão que sofreu, pois, a mulher muitas vezes ainda acredita que o agressor ainda lhe ama, acaba que pensando nos filhos e no sustento dos mesmos. Vale ressaltar que para que a mulher chegue a uma delegacia e registre a ocorrência, ela precisa de um bom tempo para raciocinar e unir forças para tal ação.

No que se refere ao Maranhão, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), entre 2005 a 2015, constatou que de cada 38 mortes, 4 são de mulheres negras. Isso, coloca o Maranhão entre os piores do país. No dia 28 de agosto de 2017, o Instituto Ipea, revelou que a violência aumentou consideravelmente no Maranhão nos últimos dez anos. Assim, a violência prevaleceu em 100% na última década, enquanto que Rio de Janeiro e São Paulo tiveram queda.

Portanto, a concepção que se tem lá fora sobre o Maranhão não é boa, se fala em pobreza, desigualdade econômica social, entre outras qualidades que só vem diminuir a população maranhense. Como se já não bastasse tantas qualidades ruins, ainda vem a violência contra a mulher para reforçar a ideia de que a população é sofrida e também perversa. O que se percebe no Brasil, é que as leis são falhas, criminoso que recebem os indultos para passar em casa, acabam que cometendo os mesmos erros, ou até piores.

Vale ressaltar que esse quantitativo que tem liberdade temporária, muitos jamais retornarão de livre e espontânea vontade. Esse momento de liberdade para eles, torna-se um momento apreensivo para a sociedade e traumático para as mulheres. Pois os casos de violência contra a mulher vêm sendo tão comuns e de grande brutalidade que chega a deixar a sociedade perplexa de tamanha crueldade. Assim, segue a triste estatística, mostrando o lado

obscuro do ser humano que deixou de perceber o outro como ser humano e passou a ver a mulher como algo que merece ser punido.

Segundo o Tribunal de justiça do Maranhão em 2017, revelou a maior causa da violência contra a mulher, diz respeito ao inconformismo por parte do homem, pois este não aceita tão rápido a separação, ou fim do relacionamento. Dessa maneira, o machismo ainda impera na sociedade brasileira, e conseqüentemente mais fortalecido no Maranhão. O número revela uma triste realidade, atrelada ao cenário onde a pobreza e a desigualdade social imperam. Contudo, o Maranhão continua a repercutir sua triste realidade em favor das mulheres, que se encontram vulneráveis e submissa ao homem.

#### 4. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM SÃO BERNARDO - MA

Este capítulo objetiva mostrar a caracterização da cidade onde a pesquisa foi realizada e também a análise dos casos de violência contra a mulher ocorrido na mesma. Contudo, dispõe-se dos resultados que foram obtidos, além de evidenciar o processo metodológico realizado durante a temática. Vale ressaltar a intensidade do capítulo, pois se trata da parte do trabalho mais detalhado e minuciosos devido a riqueza dos resultados.

Dessa maneira, a temática sobre violência contra a mulher aponta para resultados concretos através dos casos ocorridos no Brasil, Maranhão e consecutivamente em São Bernardo –MA. Para tanto, a fim de responder a problemática iniciada na introdução deste trabalho e que se culmina para um desfecho, o que veremos a seguir.

##### 4.1 Descortinando a violência contra a mulher em São Bernardo

A temática sobre violência contra a mulher aborda uma pesquisa bibliográfica e de campo. Trata-se de uma abordagem de cunho qualitativa. Os sujeitos da pesquisa formam (04) mulheres, que foram identificadas por Maria, Rita, Joana e Francisca. Vale ressaltar que esses nomes são fictícios, de modo que a identidade verdadeira destas fossem preservadas, conforme normas éticas. Para tanto, a entrevistada por nome de Maria tem 37 anos, feminino, estudou até a quarta série do ensino fundamental é solteira, lavradora, mora em São Bernardo há 15 anos.

A entrevistada por nome de Rita, 40 anos, feminino, branca, estudou até a terceira série no ensino fundamental, é solteira, lavradora e mora na cidade de São Bernardo do Maranhão há vinte e três anos. A entrevista de número três é Joana, 41 anos, feminino, branca, de família humilde estudou até a oitava série, solteira, lavradora e mora em São Bernardo do Maranhão há 26 anos. Por fim, a entrevistada; Francisca, tem 27 anos, morena, feminina, estudou até a sétima série, solteira, lavradora, reside na cidade de São Bernardo há um ano.

##### **Quadro 1. A senhora já presenciou algum tipo de violência? Qual? Onde ocorreu?**

Sujeitos	Respostas

Maria	Sim, violência física, em casa.
Rita	Sim, Violência física, em casa.
Joana	Sim, espancamento, em casa.
Francisca	Sim, violência doméstica, no meio da rua.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Os dados acima evidenciam que as mulheres compartilharam da mesma ideia, pois todas já presenciaram algum tipo de violência física, principalmente nos domicílios. Percebe-se que a violência contra a mulher é um problema mundial, a tendência é ampliar cada vez mais. Chegou-se a uma época em que tudo gira em torno das transformações tecnológicas, assim, a medida que a sociedade avança, os problemas de violência se propagam em dimensões nunca antes vista pela sociedade.

Independentemente da classe social, sexo, religião, raça, a violência afeta todos, assim, em algum lugar a todo instante as pessoas estão sendo vítimas de violência verbal, física, psicológica, muitos estão indo a óbito. A modernidade trouxe consigo os avanços em todos os aspectos sociais que possibilitam melhorias para o homem, mas também trouxe problemas sérios. Diante desse aparato tecnológico, a violência se fez, mas forte, destemida, se mostrando como um problema social que precisar de estudos e elaborações de leis mais rígidas, que punam com rigor os agressores. Nota-se que a sociedade estar fazendo justiça com as próprias mãos, isso por que a justiça deixa a desejar, com seus indutos.

#### **Quadro 2. A senhora tem medo de ser vítima de violência?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Sim.
Joana	Da morte.
Rita	Sim, agressão.
Francisca	Sim.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

De acordo com os dados acima, as mulheres temem a violência, isso por que é bastante comum a mídia relatar casos de extrema violência contra as mesmas, elas estão sendo agredidas fisicamente e de maneira tão brutal que estão sendo levadas a óbito em número alarmante. Assim, é normal na sociedade atual, a mulher viver com medo de ser vítima da a violência, pois elas estão vulneráveis e sabem que devem se proteger e viver em constante observação sobre tudo a sua volta.

Para Santana (2010, p.3), “por muito tempo na história da sociedade teve o homem como a pessoa a quem a mulher devia total obediência e respeito.” Dessa maneira, o passado tem muita influencia na sociedade atual, imagina que o homem sempre foi respeitado, manteve a mulher submissa, isso como prática social, e que de repente a sociedade muda essa forma de pensar e a mulher se ver livre e com os mesmos direitos. É partir de então, que houve uma afronta que muitos homens não aceitaram de imediato essas mudanças.

#### **Quadro 2.1. Que tipo de violência a senhora tem mais medo?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Da violência do marido que mata a mulher.
Joana	Agressão.
Rita	Agressão.
Francisca	Da violência que pode causar a morte.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Ao serem questionadas sobre o tipo de violência que tem mais medo, as mulheres responderam que tem mais medo da violência física, ou seja, aquela que traz ferimentos graves e culmina para a morte. Percebe-se que a mulher vive em constante medo de sofrer qualquer tipo de violência. principalmente por que as mulheres que estão sendo mortas todos os dias e os principais agressores são os homens. Essa situação tende a persistir na sociedade em grande proporção devido as falhas das políticas públicas voltada para a segurança.

Na sociedade moderna, o patriarcado ainda se mantém, isso se configura para que os relacionamentos interpessoais tenham marcas de dominação e violência. Portanto, ainda existem mulheres que se submetem a serem humilhadas, agredidas pelos maridos. Isso por

que as mesmas não têm estudos, trabalho fixo, vivem com medo do marido tirar-lhe a vida da mesma e até dos próprios filhos.

**Quadro 2.2. Quais as estratégias que a senhora usa para se proteger?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Chorar.
Joana	Sim, chorar.
Rita	Evitar.
Francisca	Ficar calada.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Os dados acima mostram que as mulheres não são violentas, ou sejam não reagem da mesma maneira que os homens, ao contrário para se defender elas, simplesmente choram e tentam evitar problemas para seus maridos. Percebe-se que as mulheres são mais conscientes de que a violência deve ser evitada, assim, elas utilizam do choro para se defender, do jeito mais simples que deveria comover seus esposos.

Segundo as Nações Unidas (1992), “todo ato contra a mulher que resulte em danos físicos, sofrimentos, ameaças, privação de liberdade, problemas psicológicos e sexuais são atos de violência.” Nesse panorama, a violência contra a mulher se dá de diferentes maneiras, cabe a mesma perceber que esses atos não são normais e tentar reverter a situação em benefício da família e da vida.

O diálogo sempre é o primeiro passo para resolver qualquer situação, ainda mais quando envolve violência. Para tanto, mesmo a violência sendo bastante comum, os casos nos surpreendem a cada dia devido a barbárie, a mulher não é obrigada a conviver com o marido sobre bases de ameaças

**Quadro 3. A senhora já foi vítima de algum tipo de violência? Como e onde ocorreu?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Sim, Pancadas e ameaças com facas, em casa.
Rita	Sim, em casa.

Joana	Sim, em casa pelo marido.
Francisca	Sim, empurrar, em casa.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Ao serem questionadas se já foram vítimas de algum tipo de violência, onde e como, as mulheres foram enfáticas em compartilhar da mesma opinião dizendo que sim e que a violência aconteceu em casa através de pancadas, ameaças de faca, sempre pelo marido. Sabe-se que a sociedade rapidamente, assim, o homem se viu diante de muitos problemas, correria do cotidiano, trabalho, sustento da família, mas nada justifica a violência, mesmo que ela esteja camuflada em pequenas atitudes.

O homem em muitos casos não admite que a mulher é igual ou superior ao mesmo. Isso na verdade é um tipo de violência simbólica que se perpetuou na sociedade e na mentalidade de muitos homens que não admite ser contrariado pela esposa, senão recorrer a violência.

### **Quadro 3.1. Essa violência ocorre constantemente? Há quanto tempo?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Sim, doze anos seguidos.
Rita	Quase todo dia, cinco anos.
Joana	Sim.
Francisca	Sim.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Os dados acima mostram que as mulheres formam vítimas da violência por muito tempo, ou seja, são mulheres sofredoras e ao mesmo tempo guerreiras, por terem sobrevivido para contar sua triste história. Percebe-se que mesmo diante da violência sofrida na pele, por um tempo, constata-se que essas mulheres são fortes, no sentido de manter a calma e não surtarem, ou até mesmo terem enlouquecidas.

Diante de tantos casos, pedidos de socorro, a sociedade foi obrigada a elaborar e executar a lei Maria da Penha, 11.340/06, com objetivo de proteger a mulher da violência. Diante disso, esse fato foi marcante na sociedade brasileira, pois trouxe esperança, justiça e

preservação da vida da mulher perante a lei. Mas vejam só, que nem mesmo essa lei, fez com que o homem se intimidasse, ao contrário, a certeza da liberdade, é que gera desesperança nas mulheres.

#### **Quadro 4. Como a senhora convive com situação de violência?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Com tristeza.
Rita	Com medo, assustada.
Joana	Com medo.
Francisca	Com medo, triste, assustada.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Os dados mostram que as mulheres vivem com medo e assustadas com situações de violência. Isso, é normal diante propagação da violência, tendo a mulher como principal vítima. No contexto histórico da sociedade, não houve registros sobre uma sociedade tão perversa e odiosa contra a mulher como a atual. É justamente pela certeza da impunidade do agressor que essas mulheres convivem com medo. Pois já houve casos em que a vítima denunciou o marido agressor a polícia por muitas vezes, até que esse caso teve um desfecho que culminou com a morte da mulher.

É diante esses fatos que a mulher, na verdade vive como se fosse numa prisão, pois quem já sofreu agressão uma vez, jamais esquece das torturas e sofrimentos que passou.

#### **Quadro 11. A senhora se sentes segura em casa?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Não.
Rita	Não.
Joana	De jeito nenhum.
Francisca	Sim.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Tem-se uma unanimidade das respostas, pois todas as mulheres em questão, não se sentem seguras em casa. Elas tem muitos motivos para se sentirem inseguras dentro da própria casa, pois, mesmo conhecendo o marido a bastante tempo, nunca se sabe do que o ser humano é capaz. Nota-se que essas mulheres trazem consigo, marcas de vida amarga, esse fator seria o qual elas sentem toda insegurança dentro de casa, onde deveria ser o melhor lugar para elas.

Para Mackinnom (1989), “percebe que a sociedade só pune a violência, quando esta é cometida por homem contra mulheres, quando a agressão se resulta em excesso como lesões.” Nesse sentido, o não se importar com pequenas violências verbais e psicológicas, é que a mulher acaba por ser vítima do homem. Pois é de pequenos atos que culminam para as piores agressões.

**Quadro 12. Quais os impactos dessa violência na vida da senhora? A senhora sofre ou se sente mal?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Trauma, me sinto mal.
Rita	Trauma, marcas.
Joana	Espancamento, marca espiritual.
Francisca	Traumias, sim.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Os dados mostram que a violência traz marcas que a vida não consegue apagar. Apesar destas sofrerem violência há muito tempo, elas vivem meio aos traumas, marcas, física espiritual. Percebe-se que todas as mulheres trazem consigo, todas as marcas que devem ser abolidas da sociedade. Pois todo homem tem uma mãe, geralmente uma irmã, assim, cabe a família desde cedo trabalhar valores, respeito pela vida, pela mulher que é abençoada por ser detentora da vida.

Para Fraser (2001), “a violência entre mulheres e homens, persiste com base na forma de sociabilidade, ou seja, ancorada na desvalorização que independentemente da condição social e econômica da fragilidade da mulher.” Nesse panorama, a maneira como a

sociedade primitiva tratou a mulher gerou todo preconceito e discriminação. Fazendo com que a mesma fosse alvo de violência, quando fugia dos parâmetros impostos pela sociedade

**Quadro 13. A senhora continua a conviver com pessoas que estão relacionadas a essas violências? Por que?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Não.
Rita	Não.
Joana	Não.
Francisca	Não.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Os dados mostram que todas as mulheres entrevistadas, já não convivem mais com seus agressores. Isso mostra que elas, mesmo passando muito tempo sobre a base da violência, mostraram-se resistente a ponto de sair do relacionamento que só lhe trazia sofrimento. Percebe-se que a mulher como sexo forte que pode superar qualquer situação do cotidiano, até mesmo a violência.

Acredita-se que quando uma pessoa perpassa pela violência, a mesma encontra forças para mostrar o melhor de si. E de fato essas mulheres, contam sua história com muita tristeza, mas que são vencedoras, pôs venceram a própria violência um dia. Quando a mulher consegue sair de uma situação de violência doméstica, ela vive desconfiada em começar uma nova vida. Visto que os casos de violência contra a mulher são bárbaros na sociedade contemporânea.

E quase sempre o agressor não se conforma com a separação de imediato, assim, é preciso que a mulher ao sair de uma situação de violência, não der informações do seu paradeiro, evitando, assim, situação de proximidade e surpresa com o agressor. Muitas das vezes o agressor tenta se vingar nos próprios filhos para atingir a ex parceria. Esses casos são bastante comuns na sociedade atual, visto que o homem chegou a um ponto extremo da violência. Dessa maneira, o que se percebe a fragilidades das políticas específicas para proteger a mulher de toda e qualquer tipo de violência.

**Quadro 14. O que a senhora fez para enfrentar essa violência?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Aguntei, até um dia tomei uma decisão de separação.
Rita	Pedia socorro, mas ninguém me socorria.
Joana	Tentava evitar, mas sempre não dava.
Francisca	Optei pela separação.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Ao serem questionadas sobre o que faziam para enfrentar a violência, as mulheres em questão responderam da maneira mais simples, dizendo que tomaram a decisão de separação, outras pediam socorro, tentavam evitar, mas muitas das vezes não dava. Percebe-se que as mulheres até os momentos, não corresponderam com agressão contra o marido, muito menos tentavam se defender com alguma ferramenta. Ao contrário, elas permaneceram em seu mundo obscuro, tornaram-se mulheres fortes diante da violência que passaram.

Para Côrtes (2012), “o que leva uma mulher a ser manter um relacionando baseado na violência, muita das vezes é a dependência financeira e emocional.” Dessa maneira, a mulher já entrou na sociedade, tendo o homem como sujeito superior a mesma. Assim, todas as mulheres em questão, algum momento pediu socorro, mas por aquele velho ditado em que briga de marido e mulher não se mete a colher, muitas mulheres perderam a vida, quando apropriada sociedade e as leis por alguns momentos não interferiram quando deveriam.

#### **Quadro 15. A senhora recebeu ajuda de alguém para enfrentar essa violência?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	De algumas pessoas conhecidas que me aconselhavam a sair dessa vida.
Rita	Não, os vizinhos ficavam com medo.
Joana	Não, só dos familiares.
Francisca	Não.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Os dados acima mostram que o medo de interferir na relação onde há violência é muito complicado. Visto que diante da violência, os vizinhos, familiares e até pessoas conhecidas temem pela vida. Pois nunca se sabe como o agressor reage diante da intromissão de outras pessoas em seu relacionamento. Diante dessas informações, nota-se que as mulheres por si mesmo têm que achar uma solução para enfrentar a violência.

De acordo com as informações a violência acaba com qualquer sentimento de harmonia entre o casal. Assim, a mulher que sofre violência tem como companheira os sentimentos negativos, o desgaste da relação que cada vez mais vai se tornando perigosa atrelada a discussões, brigas e agressões. As situações de violência geralmente são percebidas pelos vizinhos e se repercutem na sociedade, muita das vezes a mulher vive no seu próprio mundo, com medo de colocar em perigo a vida de outras pessoas.

Para Soares (2004), “a mulher que sofre violência se envergonha dessa situação, pois o medo e a vergonha são constantes, por não passar para a sociedade e para si mesmo o respeito e o saber ouvir pelo companheiro.” Nesse sentido, a violência faz da mulher uma figura impotente e envergonhada diante da sociedade.

**Quadro 16. A senhora já fez algum relato a polícia, boletim de ocorrência, do tipo de violência que sofre ou já sofreu?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Uma vez na delegacia.
Rita	Não, por medo.
Joana	Não.
Francisca	Sim.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Os dados acima mostram que as mulheres diante da violência sofrida, elas procuraram a polícia em alguma situação. Enquanto que as outras duas mulheres não procuraram a polícia por medo, tentando evitar qualquer aborrecimento para o marido. Nota-se um empate nas respostas, isso se resume em um medo em registrara qualquer boletim de ocorrência contra o marido, assim, nessa situação a mulher se mostra incapaz de procurar

qualquer ajuda, pois o medo do marido é superior a qualquer pensamento de fuga dessa realidade.

Contudo, aquela imagem perfeita de família e de relacionamento foge da realidade contada. O que se percebe é que as mulheres vivem meio a decepção, desesperança e seu próprio desgaste como ser humano. Percebe-se que ficou nítido a descrição do sentimento de medo, onde as mulheres por muitas vezes encobrem, negam, se encurralam e acabam que nem saindo mais de casa.

**Quadro 17. A senhora acredita que a polícia pode combater a violência contra a mulher na sua cidade?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
Maria	Não.
Rita	Não.
Joana	Não.
Francisca	Não.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Ao serem questionadas se acreditam que a polícia pode combater a violência contra a mulher na sua cidade, as mulheres compartilharam nas mesmas ideias dizendo que não. Isso se dá devido, os casos que acontecem no cotidiano, onde a polícia prende o agressor, e a justiça imediatamente manda soltar. Há casos em que depois do agressor cumprir anos de prisão, ele teve direito ao indulto de natal, e voltou acometer os mesmos erros.

Assim, em qualquer parte e lugar a polícia se ver diante de situações complexas, visto que ela faz sua parte, mas as instancias maiores recorrem as brechas da lei, isso faz com que o trabalho da policia seja visto como negativo, impossibilitado, incapaz de aplicar a lei como deveria. A respostas das mulheres em questão evidenciam bem essa questão, pois algumas delas já recorreram a polícia e não foram atendidas a altura do seu problema. Ou seja, anão deram muita importância ao caso, por se tratar de brigas e agressões de casais.

**Quadro 18. A senhora confia no trabalho da polícia?**

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
-----------------	------------------

Maria	Não.
Rita	Confio.
Joana	Não, por que a polícia em vez de proteger, não faz nada.
Francisca	Não.

Fonte: Questionários e entrevistas realizadas pela autora.

Os dados cima mostram que três mulheres confiam não confiam no trabalho da polícia, restando somente uma que confia. Percebe-se que o trabalho da polícia não perpassa confiança para as entrevistadas, isso se deve aos fatores de que seria a polícia a que deveria proteger o cidadão, no entanto deixa a desejar. É por situações como essas, que a confiança na polícia anda limitada. É bastante comum, na atualidade casos em que as políticas se tornam os próprios bandidos, ou seja, recebem propina para que os bandidos mantêm seus trabalhos em plano desenvolvimento. Esses fatos, fazem com que muitos policia do bem, sejam vistos como desconfiança pela população, principalmente pelas mulheres. Além do mais existem policiais que se acham acima da lei, quando estão fardados, isso para muitas mulheres soa como poder, dominação e medo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência faz parte da sociedade e da vida do homem desde seus primórdios. O que se percebe é que a violência teve sua trajetória história, e foi se moldando na medida que a sociedade lançou e se desenvolveu. É notório que a violência está diretamente ligada a problemas como desigualdade, assim como a negação dos direitos básicos do homem, desemprego, entre outros.

Percebe-se que o aparato tecnológico, trouxe benefícios eficazes para o homem, como também aumentou seu poder de desarmamento e assim, este ficou mais violento e a violência doméstica passou a ser vista como um problema social que emergia por mudanças condizentes na ei, a fim de combater a violência doméstica. Fala-se muito em exclusão na sociedade contemporânea, assim como há discriminação sobre certos grupos.

Vale ressaltar que nunca antes na sociedade a mulher sofreu tanta violência doméstica. Assim como a mídia relata mortes de mulheres em fração de segundo no país. Assim, a desigualdade é um fator que aponta para o alicerce da violência, onde os menos favorecidos sofrem toda retaliação de violência, inclusive o próprio Estado que insiste em omitir os direitos do cidadão. Para tanto, evidencia-se o Estado como legitimador da violência, visto que o mesmo utiliza de suas forças de autoridade para oprimir e obrigar a população.

A verdade é que a violência se disseminou na sociedade e também afetou os homens de bem, que em muitos casos são confundidos como agressores e tendem a pagar pelo que não fez. Diante de tantos casos de violência doméstica confirmada pelo agressor, as brechas nas leis fazem com que a vítima não confie na polícia e nem nas leis. Pois, sabe-se que a mulher se encontra vulnerável, a violência chegou a um patamar de extrema perversidade. Assim, o grande desafio para os governantes é torna a sociedade harmoniosa, onde a mulher possa ser valorizada, respeitada como pessoa de direito.

Sendo a violência um problema mundial e que as estatísticas apontam para sua abrangência muito maior do que a atual. O fenômeno da violência atrelada a tecnologia e a liberdade, são na verdade uma fusão que impulsiona para a violação das regras, leis, vitimando como um fenômeno dramático e ameaçador. A globalização e a tecnologia deram poder ao homem, assim, ele já sinalizou para a construção de armas

nucleares, ou seja, a qualquer conflito, o mesmo coloca todos em risco eminente, além de ameaçar a extinção da própria raça humana.

Diante disso, tem-se um homem vivenciando e usufruindo da tecnologia para seu conforto, mas também para a preocupação sobre o destino da humanidade. Vale ressaltar que enquanto um a boa parte da sociedade tem acesso a esses aparatos tecnológicos cada vez mais sofisticados. Existem uma outra parcela da sociedade que vive a mercê da exclusão. Assim, como não se pode deixar de evidenciar a cultura que recebemos como herança.

Cultura essa que, foi construída na base da desigualdade e do preconceito. Assim, a sociedade moderna ampliou sua maneira de ser preconceituosa, isso gera violência como fenômeno social. A forma como a mulher foi submetida a dominação do marido, ou do pai, gerou a total obediência doméstica. Sendo que o marido impôs sua autoridade e medo contra a mulher e todos os demais filhos.

Assim, essa herança cultura enraizou-se na sociedade e na visão do homem, que não admitia ser desrespeitado e contrariado. Essa prática de violência, fez com que a mulher ficasse submetida ao homem. A partir do momento que a sociedade evoluiu, a mulher passou a ganhar espaço, tornou-se livre e independente. Esse fator foi recebido pelo homem como uma afronta, assim, muitas mulheres passaram a ser vítima da violência doméstica, embora em forma de violência física, verbal e psicológica. Muitas destas não resistiram as pressões de seus companheiros e omitiram seus direitos.

Outras foram em busca de liberdade, abandonaram seus parceiros e seguiram firme em suas decisões de abandonar a família e a vida de traumas e torturas. Percebe-se que uma certa época, os homens não admitiam que suas mulheres trabalhassem fora de casa, muito menos trabalhassem entre homens. Vale ressaltar que a sociedade deu a entender que a mulher era simplesmente inferior ao homem.

Isso se propagou até os dias atuais, embora as leis sejam enfáticas em estabelecer direitos iguais para ambos os sexos. A sociedade ainda persiste na ideologia preconceituosa em relação a mulher, isso é percebido através de piadas, gestos, ações, atitudes que discriminam a mulher. Contudo, nascer mulher nos dias atuais, é já nascer com um destino traçado pelo medo, pois estas estão sendo vitimadas das formas mais assustadoras possíveis. A violência faz estrago na vida da mulher, mesmo ela se sobressaindo da situação de vítima, esta continua com ferimentos na alma. Ferimentos estes, que o tempo não consegue apagar, o descaso das leis, a falta de segurança, coloca

a mulher a viver sobre domínio do medo, das incertezas. O patriarcado ainda persiste na modernidade, assim, a dominação violência é uma realidade de muitas mulheres, estas continuam em seu mundo voltado para as humilhações, o medo e agressões de seus companheiros.

Muitas das vezes o homem é tão agressivo, até mesmo com suas palavras, os filhos e a falta de emprego, são um dos fatores que fazem com que a mulher resista a violência doméstica. O homem agressor geralmente é um parceiro já há bastante tempo, as mulheres evidenciaram que não existe um motivo para a agressão, elas são agredidas por motivos banal. Nota-se que a violência doméstica, é a maneira pelo qual o homem revoga sua autoridade.

Assim meio a tanta liberdade direcionada a mulher como direito, o homem se impõe, e se mostra como o principal agressor, não sabendo lidar com a situação de ver sua mulher fora do ambiente familiar. Percebe-se um verdadeiro patamar de desordem da mentalidade do homem, quando utiliza da violência para dizer que a mulher não pode ocupar o lugar de pai e chefe de família. Para tanto, mesmo a lei que protege a mulher sendo efetivada e surtindo efeitos positivos, a verdade é que a mulher continua com medo e teme pela própria vida.

Visto que, a referida lei não intimidou o homem, ao contrário ele desafia a mesma, por que sabe da certeza da impunidade, assim, quem perde é a mulher que tem sua liberdade restrita, assim, cabe a mulher viver sobre o medo, tendo que escolher bem seus parceiros.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Maria Amélia. **Violência física contra a mulher:** dimensão possível da condição feminina, braço forte do machismo, face oculta da família patriarcal ou efeito perverso da educação diferenciada? In: \_\_\_\_\_. Mulheres espancadas: a violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1985. p. 45-75.
- BOURDIEU, P. **Raisons Pratiques.** Sur la théorie de l'action, Éditions du Seuil, 1994
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 11.340**, de 7 de agosto de 2006, **Lei Maria da Penha.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm)>.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias:** uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1988.
- CÔRTEZ, G. R. (2012). **Violência doméstica:** centro de referência da mulher “Heleieth Saffioti”. Estudos de Sociologia, 17(32), 149-168
- CUNHA, Rogério Sanches; PINTO, Ronaldo Batista. **Violência Doméstica – Lei Maria da Penha (Lei 11340/2006) comentado artigo por artigo.** São Paulo: Revista dos Tribunais. 2007.
- FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento?** dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, J. (Org.). Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: UnB, 2001. p. 245-282.
- HASSNER, Pierre. (1995) **La violence et la paix.** De la bombe atomique au ettoyage éthinique. Paris, Éd. Esprit.
- KASHANI, Javad H.; ALLAN, Wesley D. **The impacto of Family violência on children and adolescents.** Thousand Oaks, Ca: Sage, 1998.
- LEEDS, E. **Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira:** ameaças à democratização em nível local. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. Um Século de Favela. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 233-276.
- MACKINNON, Katharine A. **Toward a feminist theory of the state.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.
- MENEZES, Ana Luiza Teixeira. **Mulheres:** fruto de dominação e fruta para libertação! In: Marlene Neves Strey et al. (Org.). Construções e perspectivas em gênero. São Leopoldo: Unisinos, 2000. p. 125-134.
- RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade.** PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RORTY, Richard. **Feminismo, Ideologias e Desconstrução**: uma visão pragmática. In.: ZIZECS lavoj (Org.). Um mapa da ideologia. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

SANTANA, A. **Mulher mantenedora/homem chefe de família**: uma questão de gênero e poder. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8 | jul-dez de 2010.

SOARES, V. (2004). **O feminismo e o machismo na percepção das mulheres brasileiras**. In G. Venturi, M. Recamán, & S Oliveira (Orgs.), A mulher brasileira nos espaços público e privado (pp. 161-182). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

SILVA, M. V. **Violência contra a mulher**: quem mete a colher? São Paulo: Cortez, 1992.

WIEVIORKA, Michel. **O novo paradigma da violência**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.

WEBER, MAX. **Metodologia das Ciências Sociais**. Parte II. São Paulo : Cortez ; Campinas-SP : Editora da Universidade de Campinas, 1992.

ZALUAR, Alba, 2004, **Integração Perversa**: Pobreza e Tráfico de Drogas. Rio de Janeiro, Editora FGV.

## APÊNDICES

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA UTILIZADO COMO  
INSTRUMENTO DE COLETA TA DE DADOS**

ENTREVISTA Nº _____	DATA ____/____/____ CIDADE: _____	INICIO: ____/____/____ FIM: ____/____/____
ENDEREÇO: RUA: _____		Nº _____
PERFIL		

**1 CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA**

- A) ATÉ 18 ( )
- B) 18-25 ( )
- C) 26-40 ( )
- D) 41-60 ( )
- E) 60-MAIS ( )

**2 GÊNERO**

- FEMENINO
- MASCULINO
- OUTROS: \_\_\_\_\_

**3 ESCOLARIZAÇÃO**

\_\_\_\_\_

**4. ESTADO CIVÍL**

\_\_\_\_\_

**5. PROFISSÃO**

\_\_\_\_\_

**6. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ MORA EM \_\_\_\_\_?**

BLOCO I - SOBRE VIOLENCIA

7-A SENHORA JÁ PRESENCIOU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA? QUAL? ONDE OCORREU?

7.1-QUAL TIPO?

7.2 ONDE OCORREU?

8.A SENHORA TEM MEDO DE SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA?

8.1 QUE TIPO DE VIOLÊNCIA A SENHORA TEM MAIS MEDO?

8.2 QUAIS AS ESTRATÉGIAS QUE A SENHORA USA PARA SE PROTEGER?

9 A SENHORA JÁ FOI VÍTIMA D EALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA?

9.1 COMO E ONDE OCCOREU?

9.2 POR QUE A SENHORA ACHA QUE ESSA VIOLÊNCIA OCORRE OU OCORREU?

9.3 ESSA VIOLÊNCIA OCORRE CONSTANTEMENTE? HÁ QUANTO TEMPO?

BLOCO II- IMPACTOS E ENFRENTAMENTOS

10.COMO A SENHORA CONVIVE COM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA?

11.A SENHORA SE SENTE SEGURA EM CASA?

12. QUAIS OS IMPACTOS DESSA VIOLÊNCIA NA VIDA DA SENHORA? A SENHORA SOFRE OU SE SENTE MAL?

13. A SENHORA CONTINUA A CONVIVER COM PESSOAS QUE ESTÃO RELACIONADAS A ESSAS VIOLÊNCIAS? POR QUE?

14.O QUE A SENHORA FEZ PARA ENFRENTAR ESSA VIOLÊNCIA?

15.A SENHORA RECEBEU AJUDA PARA ENFRENTAR ESSAS VIOLÊNCIAS?

16. A SENHORA FEZ ALGUM RELATO A POLÍCIA, BOLETIM DE OCORRÊNCIA, DO TIPO DE VIOLÊNCIA QUE SOFRE OU JÁ SOFREU?

17.A SENHORA ACREDITA QUE A POLÍCIA PODE COMBATER A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SUA CIDADE?

18. A SENHORA ACREDITA NO TRABALHO DA POLÍCIA?

ANEXOS



ESTADO DO MARANHÃO  
MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO  
**CONSELHO TUTELAR**

LEI FEDERAL Nº 8.069/90 E LEI MUNICIPAL Nº 460/05



São Bernardo- MA, 30 de Agosto de 2017.

O CONSELHO TUTELAR DE SÃO BERNARDO DO MARANHÃO/MA, sediado na Rua Gregório Jorge, s/n, centro, São Bernardo- MA.

DADOS DE DENUNCIAS:

ANO	CONFLITOS FAMILIAR/AGRESSÃO	ABUSO DE VULNERÁVEL	MAUS TRATOS/NEGLIGÊNCIA
2013	40	8	60
2014	35	6	55
2015	25	5	48
2016	46	17	86
2017	16	4	45

Esses dados compreende: conflitos Familiar, Agressão, Abusos, negligencia, maus tratos, entre outros.

*Teonilson da Silva Moreno*

Teonilson da Silva Moreno  
Coordenador do Conselho Tutelar

**ESTADO DO MARANHÃO**

DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA CIVIL – DGPC  
SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍCIA CIVIL DO INTERIOR - SPCI  
3ª DELEGACIA REGIONAL DE POLÍCIA CIVIL – CHAPADINHA/MA  
**DELEGACIA DE POLÍCIA CIVIL - SÃO BERNARDO**

Rua São Vicente, S/n, Centro, São Bernardo/MA. CEP: 65.550-000. Fone: (98) 3477-1277. E-mail: depolsb2012@gmail.com

**Ofício n° 0263/2017 – CART - DPCSB/MA**

São Bernardo/MA, 03 de outubro de 2017.

A Sua Senhoria o Senhor  
Prof. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior  
Ufma- Campus de São Bernardo/MA

**Assunto: Envio de informações**

Sr. Professor,

De ordem do Delegado de Polícia Civil de São Bernardo/MA, Dr. Alex Rego Barbosa, informo que dispomos apenas de dados de violência doméstica acerca dos anos de 2016/2017.

No ano de 2016, foram instaurados e conclusos 23 (vinte e três) inquéritos policiais de violência doméstica, sendo registrados 30 (trinta) boletins de ocorrência e 30 (trinta) medidas protetivas de urgência (por intermédio da autoridade policial).

Já no ano em curso, foram instaurados 10 (dez) inquéritos policiais, sendo registrados 30 (trinta) boletins de ocorrência e 30 (trinta) medidas protetivas (por intermédio da autoridade policial).

Atenciosamente,

São Bernardo/MA, 03 de outubro de 2017.

Luis A. Porto de C. Júnior  
Escrivão AD-HOC  
CPF 005.323.013-23